

editorial

Em sua 16ª edição e prestes a comemorar 10 anos de existência, a *Opiniões – Revista dos alunos de literatura brasileira* apresenta o dossiê “Performatividade e campo expandido na literatura brasileira”, temática extensa e movediça. Apesar disso, intencionamos reunir nesta publicação leituras possíveis e diversas que nos indicassem, como em uma cartografia, os caminhos, os espaços, as vozes, os corpos e as escolhas teórico-conceituais pelos quais os pesquisadores e autores que se engajam nesse campo de estudo da literatura brasileira estão se norteando. Este foi um dos grandes desafios – e também ousadia – deste número, visto que nos colocou em um território instável em que a precisão de algumas terminologias, assim como o trânsito entre campos da arte e do conhecimento que extrapolam o literário ou o suporte livro se mostraram seminiais.

Não à toa, as duas expressões que dão sustento a este dossiê são polissêmicas. A **performatividade**, atribuída aos estudos linguísticos, encontra as artes da cena, quando o “performar” torna-se sinônimo de “atuar” e de “não representação”, e, ainda, tergiversa com a performance nas artes visuais. O **campo expandido**, por sua vez, problematiza em sua gênese, atribuída à crítica de arte Rosalind Krauss, a escultura como linguagem que extravasa, na arte contemporânea, seus contornos definidos para colocar em xeque tanto a noção de espaço e paisagem quanto a de arquitetura, ou, em outras palavras, os deslimites da arte e das linguagens na contemporaneidade.

Desse modo, pesquisar a arte das palavras hoje significa encontrar uma literatura afeita aos limiares, que aciona outras paisagens, linguagens, territórios do conhecimento e do saber para realizar suas operações e seus procedimentos poéticos, imaginários e conceituais. Uma linguagem, ao que parece, cada vez mais alargada, contorce a inocente divisão entre um real e um ficcional; entre o poema disposto na página do livro e o poema vocalizado no palco, e configura uma literatura que presume uma tarefa crítica fora da zona de conforto, posto que é arriscada de partida.

Para compor este espaço híbrido, os editores deste número apresentam, por sua vez, três contribuições pensadas e articuladas especialmente para

ampliar essa discussão. A resenha-diálogo a quatro mãos do ensaio *Canção de amor para João Gilberto Noll* (2019), de Luis Alberto Brandão, cujo foco é o limiar entre criação poética e crítica literária. A entrevista com o autor Juliano Garcia Pessanha, em busca de algumas tópicas a partir de sua literatura, encontra-se com uma obra também híbrida e com atravessamentos filosóficos. Além do Manifesto-Mosaico, composto a partir das respostas enviadas por escritores, críticos literários, poetas, ensaístas, professores, entre outros, à provocação sobre o que pode a literatura e a ficção (revolução?) em tempos de sinais explícitos do esgotamento da civilização humana, tanto diante de um vírus que se espalha como praga invisível e sufocante no mundo, como de um governo autoritário, fundamentado em *fake news* e em táticas de destruição massiva no Brasil. A produção verbo-visual do Manifesto contou com a participação de Aline Novais de Almeida e da artista têxtil Valéria Aranha, convidadas para ajudar a tecer o miolo do dossiê.

Integra também esta edição uma variedade de textos que, a despeito dos desdobramentos infinitos nos campos de estudo deste dossiê, apresentam ressonâncias entre si. A atuação e a posição autoral, por exemplo, são centrais na abordagem de três artigos que compõem a revista. Katerina Blasques Kaspar parte do projeto *Não escrever*, desenvolvido pela escritora e professora Paloma Vidal, para refletir sobre o gesto escritural em performance, desdobrando-se adiante na produção do chamado livro-cartonero; destaca-se em seu percurso teórico a noção de *autoficção*. Lielson Zeni trata o romance *O Grifo de Abdera*, de Lourenço Mutarelli, focalizando, a partir da noção de *biografemas*, de Roland Barthes, as muitas realidades resultantes do jogo de revelação/desvelação que propõe o autor. Já Nivana Ferreira da Silva trabalha com os últimos livros de Ricardo Lísias – publicações independentes no formato *e-book* –, a fim de ponderar sobre sua assinatura literária; a autora resgata a noção de *performativo*, partindo de Austin, e destaca o conceito de *iterabilidade*.

Juliana de Assis Beraldo aborda o livro de poemas *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas, para discutir seus processos escriturais, assim como suas dinâmicas de interlocução no círculo literário contemporâneo, valendo-se em sua leitura da noção de *máquina performática*, dos críticos argentinos Aguilar e Cámara. Ellen Margareth Dias Ribeiro Araújo amplia a perspectiva de “contemporâneo” ao trazer para

a cena o poema “Reivindicação”, de Oswald de Andrade, e tensionar a relação entre o sujeito lírico e o sujeito empírico oswaldiano, sob a perspectiva da performance. Encerrando a seção, a contribuição de Luiz Eduardo Rodrigues de Almeida Souza e Rogério Meira Coelho enfoca a poesia periférica de Nívea Sabino, mirando a ramificação da prática contemporânea dos *slams* – competição poética em que os autores leem ou recitam seus trabalhos inéditos – no circuito literário nacional.

A seção de artigos de temática livre é introduzida pelo estudo de Marina Gialluca Domene a respeito do demônio alegórico feminino “Ingratidão” na peça *Na vila de Vitória*, de José de Anchieta. Sua leitura de cunho historiográfico resgata o teatro anchietano e a origem da arte da cena no Brasil. No artigo de Elvis Paulo Couto, o conceito de *Bildung* é lido como essencial para as noções de autonomia e identidade literária em Antonio Candido, sobretudo na obra *Formação da literatura brasileira*. O texto de Ana Claudia Ferreira Martins de Souza abre a tópica da viagem na literatura brasileira a partir de sua leitura sobre as *Galáxias*, de Haroldo de Campos, em diálogo com o documento medieval *O itinerário de Benjamin de Tudela*. Já Leila Melo Coroa e Mayara Ribeiro Guimarães trazem à baila o poeta paraense Max Martins por meio de uma aproximação ensaística entre os deslocamentos imaginários do poeta e as viagens míticas e proféticas dos índios caraíbas em busca da “Terra sem males”. Allysson Casais dialoga com a fortuna crítica de *Azul corvo*, da carioca Adriana Lisboa, e por meio de uma leitura cerrada do romance reflete sobre a questão contemporânea das identidades territoriais. Keiliane da Silva Araújo Carvalho também aprofunda a discussão das fronteiras além-mar na literatura brasileira, abordando o romance *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. Por fim, o artigo de Rafael Vinicius Costa Côrrea apresenta um estudo sobre dois contos de José J. Veiga, reunidos sob o título *A estranha máquina extraviada*.

Esta edição conta ainda com duas resenhas. Uma, assinada por Patrícia de Paula Aniceto, apresenta uma leitura de *Um corpo negro* (2019), livro de poemas de Lubi Prates. Outra, de Vinicius Gomes Paschoal, traz o livro *Chã* (2018), do poeta Enoo Miranda.

O olhar plural também marcou os textos poéticos contemplados aqui. No intuito de intensificar as potencialidades de cada uma dessas vozes, criamos quatro seções, denominadas “Poéticas”, nas quais agrupamos

os textos a partir de traços comuns que eles apresentam. E, em vista de expandir o suporte textual gráfico das páginas, os editores, Juliana Caldas e Thiago Fernandes, realizaram a leitura em voz alta desses textos e a disponibilizaram no podcast da Opiniões, com acesso por meio do QR-code ao lado de cada título.

Na seção “Poéticas I”, o teor metalinguístico no trânsito entre o ensaio acadêmico e a criação literária atravessa os textos “Poema sem título Que versa sobre o fio Que urdiu a história Em uma escola chamada Bauhaus”, de Aziz José de Oliveira Pedrosa; “O esgotado artista contemporâneo”, de Rafaela Alves Fernandes; e “Palavra Colônia”, de Liana Ferraz Diniz.

Em diálogo hipertextual, no qual a poesia se abre a formas outras, como a caligrafia (desenho), a fotografia, a palavra-móvil, encontram-se o trabalho multimeios “Série Estudo para mãe”, de Ana Hortides, e o conjunto de poemas de linhagem concretista “Infância”, de Amayi Luiza Soares Koyano. Os afetos singelos dos pedaços do corpo da mãe e dos resquícios de brincadeira de criança compõem as “Poéticas II”.

A geometria de composições, enquadramentos e vozes perpassa a narrativa híbrida que flerta com o roteiro de cinema “Lorca, um grão andaluz”, de Augusto Stevanin, bem como o poema “Linha para o *Interior de uma igreja*, de Pieter Neeffs”, de Pedro Furtado.

O exercício estético e ético da percepção do mundo e do outro como fonte inesgotável de poesia encontra-se nas “Poéticas IV”, que trazem: “Dois poemas”, de Adriano de Paula Rabelo; “Silentium”, de Vitor Hugo Luís Geraldo; “Dois poemas modernos”, de Luís Felipe Ferrari; e “Em cada canto um canto”, de Keissy Guariento Carvelli.

Por fim, uma nota importante. No meio do processo de edição deste número, muitas vidas foram perdidas devido à pandemia da Covid-19. Não bastasse, junto a essa urgência sanitária, o governo brasileiro também encabeçou um enorme descaso diante da perda de cada uma dessas vidas, evidenciando sua política de morte e de destruição. Nomes importantes da nossa cultura morreram vítimas da doença, como Aldir Blanc, Sérgio Sant’Anna, Olga Savary, para citarmos apenas alguns, e, assim como outros milhares de brasileiros, não receberam o devido reconhecimento e respeito por parte das autoridades.

Como uma singela homenagem a todas essas pessoas, que até o fechamento da revista contabilizavam mais de 90 mil, escrevemos alguns de seus nomes nas aberturas das seções deste número. No caso das pessoas que tinham uma atuação pública no meio cultural, transcrevemos trechos de suas obras ou disponibilizamos QR-codes para acesso a seus trabalhos em vídeos, entrevistas e áudios. Agradecemos, também, a participação de Rafaela Alves Fernandes na concepção e criação da capa e das aberturas de seções.

Diante de todos os desafios que são colocados para a educação, as artes e a academia em tempos ruins de pensar, entregamos este número com a pequena certeza de que, se não há salvação possível nesta Terra tal como a estamos habitando, o exercício poético e a experiência dialógica permitem lançar ao porvir fios de sentidos que desde o presente – que encerra esta edição já se configurando um passado — reverberam ao encontro daqueles que vierem depois de nós.

Juliana Caldas e Thiago H. Fernandes

Editores do número 16

Julho de 2020